



XVII ENANPUR

SÃO PAULO • 2017



Fronteiras intangíveis: Um olhar sobre o espaço público do Parque Germânia em Porto Alegre/RS

Intangible boundaries: A look at the public space of Germânia Park in Porto Alegre/RS

William Mog, Mestre em Planejamento Urbano e Regional (PROPUR/UFRGS), williammog@hotmail.com

RESUMO

O presente artigo objetiva problematizar a relação entre grupos marcados pela distinção social, mas que se encontram próximos espacialmente, em função de fronteiras intangíveis construídas no espaço. Para tal, pretende-se abordar três teóricos do campo das ciências sociais. São eles: o sociólogo francês Pierre Bourdieu (2012), o acadêmico britânico Richard Hoggart (1973) e o historiador francês Michel de Certeau (2014). Estes autores fundamentam teoricamente a problemática materializada através da análise do objeto empírico que corresponde ao Parque Germânia em Porto Alegre/RS. Este parque da capital dos gaúchos surge juntamente com o Bairro Jardim Europa ao longo dos anos 2000 produzindo um espaço público repleto de contradições oriundas do seu entorno imediato caracterizado por um grupo distinto socialmente dos demais. Este grupo se encontra com os outros no parque principalmente nos finais de semana evidenciando tensões sociais que são projetadas para o espaço originando fronteiras intangíveis entre os diferentes públicos do Parque Germânia.

Palavras Chave: Distinção, espaço público, fronteiras intangíveis.

ABSTRACT

The present article aims to problematize the relationship between groups marked by social distinction, but which are spatially close, due to intangible boundaries constructed in space. For this, it is intended to address three theorists in the field of social sciences. They are: the french sociologist Pierre Bourdieu (2012), the british academic Richard Hoggart (1973) and the french historian Michel de Certeau (2014). These authors theoretically base the problem materialized through the analysis of the empirical object that corresponds to the Germânia Park in Porto Alegre/RS. This park of the capital of the gauchos appears along with Jardim Europa Neighborhood throughout the years 2000 producing a public space full of contradictions coming from its immediate surroundings characterized by a distinct social group of the others. This group meets with others in the park mainly on weekends showing social tensions that are projected into the space originating intangible boundaries between the different publics of the Germânia Park.

Keywords: Distinction, public space, intangible boundaries.

INTRODUÇÃO

O presente artigo pretende problematizar a distinção entre agrupamentos sociais e a repercussão desta relação na apropriação do espaço público no âmbito do cotidiano. Entende-se que as distinções que são construídas ao longo do tempo e do espaço entre grupos sociais antagônicos são reproduzidas no cotidiano dos espaços públicos em função de fronteiras intangíveis que adquirem sentido na esfera antropológica das práticas sociais. Logo, objetiva-se trabalhar com um eixo teórico seguido de um eixo empírico com a intenção de revelar estas tensões sociais que se manifestam no espaço público a partir das práticas sociais e cotidianas.

No eixo teórico, pretende-se realizar um diálogo entre três autores que abordam o espaço urbano em função das práticas sociais e cotidianas. Estes autores são o sociólogo francês Pierre Bourdieu, o acadêmico britânico Richard Hoggart e o historiador francês Michel de Certeau. Bourdieu (2012) enfatiza a relação interdependente entre o espaço social e o espaço físico na construção do lugar. Já Hoggart (1973) se destaca pela concepção de isolamento dos grupos sociais segundo a divisão entre “Nós” e “Eles”. E, por último, Certeau (2014) aparece aqui em função da noção de fronteira entendida como um terceiro espaço que é construído antropológicamente entre agrupamentos sociais distintos.

Já no eixo empírico, objetiva-se abordar como estudo de caso as dinâmicas cotidianas do Parque Germânia em Porto Alegre/RS que se localiza no Bairro Jardim Europa. Para tal, a análise do objeto empírico é dividida em dois momentos. No primeiro, é contextualizada a formação histórica e espacial do parque e do seu entorno imediato enquanto no segundo momento a apropriação do Parque Germânica é abordada em função das práticas sociais e cotidianas oriundas dos diferentes grupos que utilizam o local.

O artigo como um todo está dividido em dois momentos além da introdução e das considerações finais. O primeiro corresponde ao eixo teórico enquanto que o segundo corresponde à contextualização histórica de formação espacial do objeto empírico e ao relato da apropriação do espaço público do Parque Germânia. A seguir estas questões são desenvolvidas com a intenção de esclarecer a noção de fronteira intangível levantada neste momento introdutório.

A DISTINÇÃO SOCIAL E AS FRONTEIRAS INTANGÍVEIS

O entendimento da construção dos lugares depende de uma análise rigorosa entre a estrutura do espaço social e a estrutura do espaço físico segundo Bourdieu (1993, p.159). Portanto, antes de qualquer coisa é essencial compreender o que significa os conceitos de espaço social e de espaço físico para em seguida compreender a estruturação de ambos na constituição do lugar como um ponto onde um agente ou uma coisa se situa.

O espaço físico é a exterioridade mútua das localizações constituintes de um lugar enquanto o espaço social é a exclusão mútua das posições que constituem este lugar (Bourdieu, 1993, p.160). Logo, o espaço físico é a variável imóvel de uma realidade em função das localizações, já o espaço social é a variável móvel desta realidade em função das posições ocupadas. Dentro desta lógica, a estrutura do espaço físico corresponde à forma como as diferentes localizações estão distribuídas no espaço enquanto que a estrutura do espaço social corresponde à forma como as diferentes posições estão distribuídas no espaço.

Em uma sociedade hierarquizada, a relação entre as diferentes posições da estrutura do espaço social está estreitamente conectada com a relação entre as diferentes localizações da estrutura do espaço físico, pois as distâncias existentes no espaço social são retraduzidas no espaço físico. Logo, um agente individual ou um grupo social se identifica e é identificado em função da sua localização no espaço físico e da sua posição no espaço social que são distintas para os outros agentes ou grupos. Segundo Bourdieu (1993, p.161), esta ligação entre espaço social e espaço físico acaba resultando no espaço social reificado ou fisicamente concretizado que se apresenta como a relação entre a distribuição dos agentes e a distribuição dos bens no espaço. É a partir desta relação que é definido o valor de cada diferente região do espaço social reificado.

Dentro deste contexto, as resistências e as disputas pela apropriação do espaço se desenvolvem com reflexos no âmbito simbólico (Bourdieu, 2011). Os locais do espaço social reificado e os benefícios que eles proporcionam são resultantes de lutas dentro dos diferentes campos segundo Bourdieu (1993, p.163). Estes benefícios podem representar ganhos de localização associados à proximidade com agentes ou bens raros e cobiçados ou ganhos de posição associados aos ganhos simbólicos de distinção. Nesta baralha travada entre diferentes agrupamentos sociais pela apropriação do espaço, o sucesso depende do capital acumulado em suas diferentes espécies.

Enquanto quem possui mais capital acumulado em suas diferentes espécies adquire os ganhos relacionados à apropriação do espaço, quem não possui este acúmulo variado de capital é mantido à distância. Logo, apesar da possibilidade de grupos diferentes se cruzarem em função dos deslocamentos e da mobilidade no espaço físico, a aproximação espacial de agentes ou grupos profundamente distantes no espaço social não representa uma aproximação social (Bourdieu, 1993, p.165). Esta última depende do tipo de relação entre as posições ocupadas no espaço social não estando restrita aos ganhos de localização garantidos pela mobilidade espacial de forma momentânea ou permanente. Os grupos podem estar próximos fisicamente, mas a distância social permanece gerando uma série de desconfortos e de contradições para ambos os lados.

Nesta situação de conflito em que uma aproximação espacial não reflete uma aproximação social, se destaca a relação entre “Nós” e “Eles” (Hoggart, 1973). As distâncias sociais são enfatizadas, pois a aproximação espacial acaba representando o reconhecimento do abismo social que afasta um grupo do outro, pois a questão não se limita ao deslocamento pelo espaço físico garantido pelo livre acesso. Quem pensa desta forma desconsidera a problemática estrutural que está por de trás da relação entre espaço social e espaço físico apagando uma parte essencial da realidade.

Para Hoggart (1973, p.87), a noção de grupo é reforçada pelo isolamento em que o grupo se mantém, pela concepção de que o mundo se divide em “Nós” enquanto membros do grupo e “Eles” enquanto os que estão fora do grupo. Esta divisão é construída pelo referido autor a partir da relação entre as classes proletárias (“Nós”) e as demais classes e principalmente as elites (“Eles”). O primeiro corresponde aqui àquele grupo que apresenta pouco capital acumulado enquanto o segundo apresenta o acúmulo de capital necessário para garantir os benefícios já destacados. A partir desta lógica, cada um tende a apresentar um comportamento e uma forma de se relacionar com o seu próximo de maneira distinta.

O “Nós” tende a apresentar relações de dependência entre os membros do grupo em função da convicção de que cada um não é um indivíduo isolado, mas uma parte de algo maior que é o grupo (Hoggart, 1973, p.97). Este comportamento decorre do fato de que os integrantes do grupo são bastante semelhantes e estão pouco sujeitos a diferenciações futuras. Em função de uma vida repleta de limitações, aqui os laços de solidariedade são mais estreitos, pois poucos terão a oportunidade de abandonar a sua classe. Logo, as relações tendem a ser de cooperação com o

próximo, porque mais cedo ou mais tarde o próximo vai ser importante na resolução de alguma dificuldade. Tal situação resulta em um fechamento no próprio grupo (Hoggart, 1973, p.102).

Já o “Eles” tende a apresentar um comportamento antagônico, pois não há a necessidade de se vincular a um grupo para garantir a sua existência. Logo, a individualidade ganha força em relação ao coletivo, pois há certa independência das partes em relação ao todo. Ao contrário das relações de cooperação fundamentais para os primeiros, aqui as relações de competição tendem a acontecer já que o objetivo deixa de ser a promoção do grupo para ser a promoção do indivíduo (Hoggart, 1973, p.100). Tal situação produz um sistema mais flexível de relações em que o indivíduo não está preso a um grupo fechado.

Estas diferenças são enfatizadas quando o “Nós” e o “Eles” enquanto desiguais socialmente se aproximam espacialmente a partir de uma série de práticas sociais responsáveis por tornar evidente esta distinção. Estas práticas são observáveis no cotidiano e caracterizadas através do comportamento distinto entre os membros do grupo e os que estão fora. Em função da proximidade espacial, paira no ar um sentimento de desconfiança motivado pela insegurança e pela incerteza do que se pode esperar de agentes individuais ou grupos sociais que não pertencem a uma mesma realidade social (Hoggart, 1973, p.89). Tal sentimento garante existência a uma fronteira que não é geográfica, mas sim antropológica.

Segundo Certeau (1994, p.214), a ideia de fronteira corresponde a um terceiro entre dois espaços distintos como um vácuo, símbolo narrativo de intercâmbios e encontros. Logo, esta pode ser caracterizada como intangível na medida em que não se materializa como algo concreto apesar de também estar relacionada com limites concretos entre agrupamentos sociais distintos. Decorrente das distâncias sociais já comentadas, a noção de fronteira aparece no cotidiano dos espaços públicos de forma sutil e relacional entre os diferentes agrupamentos sociais configurando e diferenciando as variadas regiões do espaço social reificado.

Ao observar um determinado lugar, é possível identificar tantas regiões quantas interações entre grupos sociais o que problematiza a determinação do espaço, pois estas interações acontecem de forma dinâmica em função da relação entre apropriação do espaço e deslocamento através do espaço. Desta forma, os limites são traçados de forma provisória pelos pontos de encontro entre as apropriações progressivas e os deslocamentos sucessivos gerando uma rede de diferenciações (Certeau, 1994, pp.212-213). Tal rede reproduz no espaço a distinção social existente entre agrupamentos antagônicos quando estes se encontram em função das fronteiras.

Estas interações fronteiriças entre grupos distintos apresentam um papel de mediador possibilitando de forma paradoxal tanto a comunicação como a separação (Certeau, 1994, p.213). Logo, resta saber de que forma estas demarcações intangíveis surgem entre os grupos envolvidos nesta relação simultânea de encontro e de distinção que se constrói ao longo do tempo e do espaço. É necessário, portanto, atentar para o contexto histórico e cotidiano em que tais interações acontecem, pois as fronteiras são flexíveis, dinâmicas e mutantes em função da articulação entre os agrupamentos sociais.

A partir da observação das dinâmicas cotidianas, é possível destacar uma série de fronteiras intangíveis se criando e se apagando conforme as diferentes relações que surgem no tempo e no espaço entre grupos sociais. Estas fronteiras só podem ser identificadas e mensuradas em função das práticas sociais ao contrário dos limites concretos e tangíveis, pois o espaço necessariamente precisa estar ocupado para originar tais relações de encontro e de confronto entre grupos. A seguir, portanto, pretende-se realizar a reconstrução histórica e cotidiana do Parque Germânia

localizado em Porto Alegre/RS com o objetivo de identificar as origens deste espaço público e as consequentes fronteiras intangíveis existentes no dia-a-dia do local.

O CASO DO PARQUE GERMÂNIA

A abordagem do objeto empírico a ser analisado está dividida em dois momentos complementares. No primeiro é destacado o processo histórico de constituição do espaço que corresponde ao Parque Germânia e o seu entorno imediato enquanto no segundo são reveladas as fronteiras intangíveis existentes no cotidiano em associação com o processo histórico anterior.

CONTEXTO HISTÓRICO DE FORMAÇÃO DA ÁREA

A atual situação que envolve o Parque Germânia e seu entorno imediato inicia em meados do século XX antes da implantação do parque. Nesta época, esta área da zona norte de Porto Alegre apresentava uma baixa densidade demográfica (Souza; Muller, 1997). Foi neste período também que vários bairros desta zona da cidade foram oficializados a partir da Lei N°2022 de 1959 (Franco, 1992). Entre eles estão os bairros Chácara das Pedras, Boa Vista, Passo da Areia, Vila Ipiranga e Vila Jardim (SMURB, 2000). Historicamente, os dois primeiros bairros atendiam a uma demanda por moradia correspondente às classes mais abastadas enquanto os três últimos atendiam à classe média e média baixa. Naquela época, estes cinco bairros eram basicamente residenciais e apresentava uma ocupação rarefeita. Contudo, tal situação começou a mudar na década de 1980 quando foi inaugurado o Shopping Center Iguatemi localizado na confluência destes cinco bairros como mostra o recorte do mapa das zonas de planejamento da cidade na Figura 1.

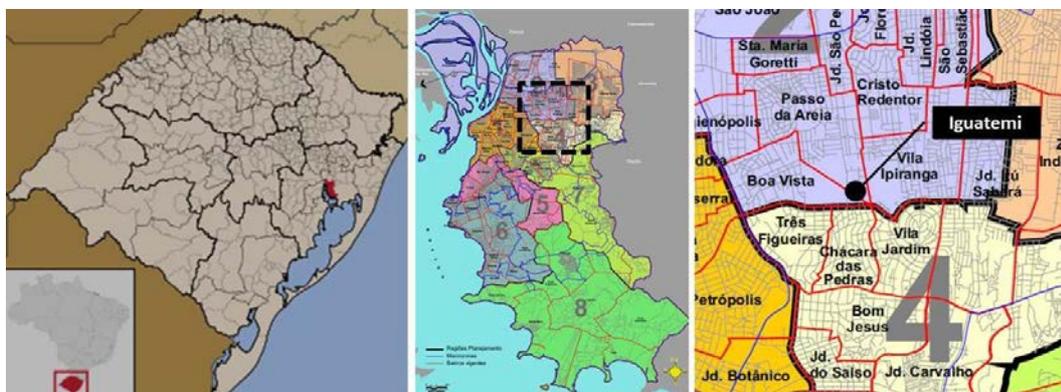


Figura 1: Recorte do Mapa das Zonas de Planejamento de Porto Alegre. Fonte: SMURB, 2011.

O Shopping Center Iguatemi foi inaugurado em abril de 1983 num terreno de quase 10 hectares a 6 km do centro de Porto Alegre juntamente com um novo modelo de expansão urbana. O empreendimento contribuiu com a densificação demográfica e com a valorização imobiliária do entorno em função do seu enorme potencial de polarização. Ao longo da década de 1980, o Iguatemi atuou como âncora urbana em meio a uma área de expansão desagregada e fragmentária promovendo o incremento da ocupação e atraindo novos usos para a área (Abreu Filho, 2006, p.312). As imagens a seguir na Figura 2 demonstram como o novo shopping implantado na zona norte da cidade representou um divisor de águas para a região. É evidente a

diferença na ocupação do território logo após a inauguração deste empreendimento comercial em 1983 e por volta dos anos 2000.

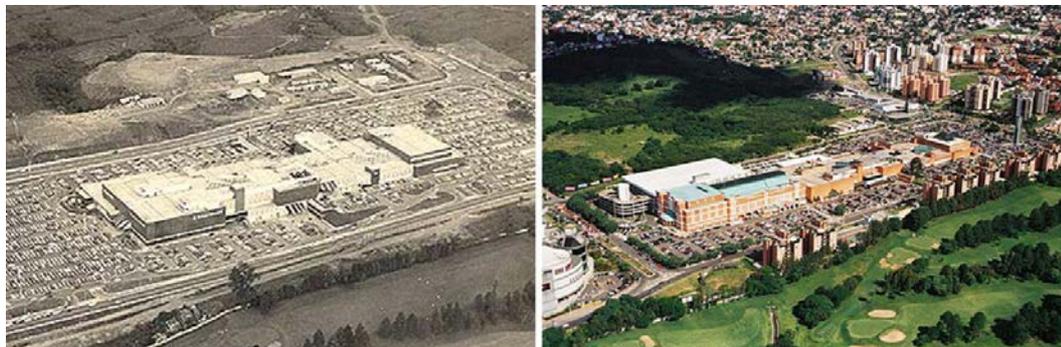


Figura 2: Shopping Iguatemi em 1983 (esquerda) e nos anos 2000 (direita). Fonte: Mog, W. 2016.

As transformações durante este período determinaram a criação de um dos principais centros da cidade. Uma série de prédios residenciais, comerciais e de serviços surgiu no entorno imediato do Iguatemi além do crescimento da área construída do próprio shopping como evidenciam as imagens (Figura 2). Tais mudanças culminaram com o surgimento de um novo bairro em Porto Alegre, o Jardim Europa. O lançamento do empreendimento habitacional nos anos 2000 previa cerca de 8 mil apartamentos distribuídos em torres ao redor de um grande parque urbano cercado (Abreu Filho, 2006, p.314). O novo bairro destinado às classes sociais mais abastadas foi concebido em função de áreas oriundas dos bairros Boa Vista, Passo da Areia e principalmente Vila Ipiranga. O Iguatemi que na sua origem se localizava no ponto de encontro de cinco bairros agora pertencia ao território do Jardim Europa como mostra a Figura 3.

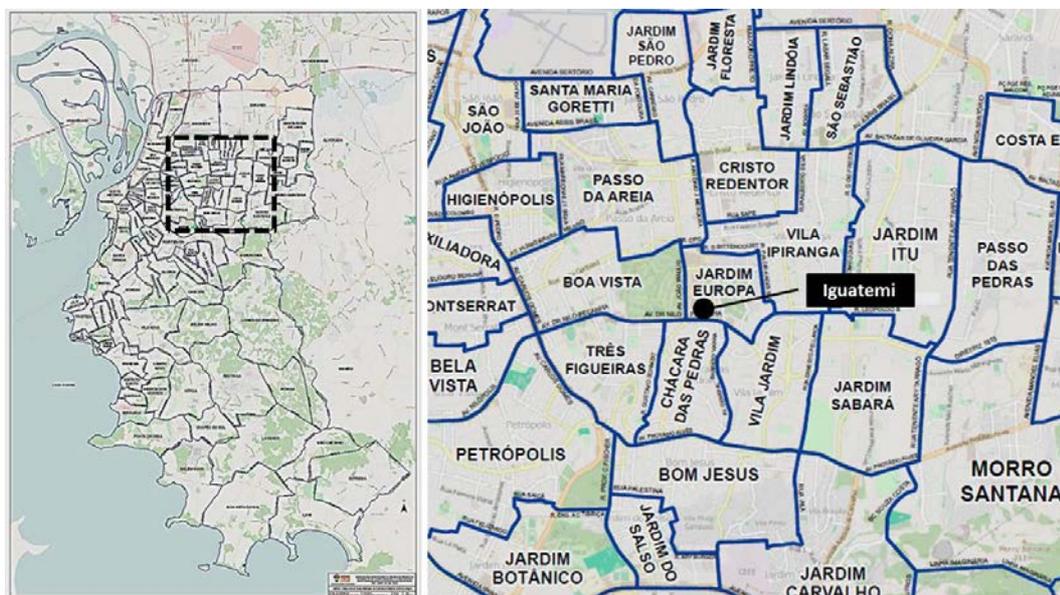


Figura 3: Delimitação oficial dos bairros de Porto Alegre atualmente. Fonte: SMURB, 2016.

A partir deste processo de transformação urbana motivado pelo Shopping Iguatemi, um novo modelo de cidade surge em função do Bairro Jardim Europa que acaba estabelecendo um contraste evidente com o entorno imediato a este novo empreendimento habitacional. Os condôminos fechados e verticalizados roubam a cena ao redor do Parque Germânia que está localizado no centro do novo bairro como mostra a imagem a seguir (Figura 4).



Figura 4: Identificação da implantação do Bairro Jardim Europa atualmente. Fonte: Mog, W. 2016.

Questionado e problematizado por autores como Jacobs (1961), Sennett (1988) e Berman (1988), este modelo de cidade acaba gerando o esvaziamento do espaço público e o isolamento dos moradores em verdadeiras ilhas habitacionais. Fronteiras cercadas são construídas entre o espaço dos condomínios e as vias de acesso promovendo uma desarticulação entre o espaço privado e o espaço público. Parte deste contexto, o Parque Germânia surge como uma estrutura pública cercada que passa a atender públicos de diversos lugares da zona norte da cidade de Porto Alegre.

Apesar de pertencer ao Bairro Jardim Europa, o Parque Germânia é apropriado por um público diversificado em função dos bairros que estão ao redor deste novo empreendimento habitacional. É frequente a presença no parque de moradores dos bairros Chácara das Pedras, Vila Ipiranga, Passo da Areia, Vila Jardim entre outros. Estes diferentes grupos, portanto, saem dos seus respectivos bairros e se encontram em um mesmo espaço público que abre cotidianamente os seus portões para a apropriação. Contudo, apesar do convívio em um mesmo espaço físico garantido pelo deslocamento, há um distanciamento no espaço social promovendo diferentes relações entre os diferentes públicos que se apropriam do parque.

Dentro deste panorama, se destaca um grupo que destoa dos demais. Apesar deste grupo se localizar ao lado do parque e dentro do Jardim Europa, os seus moradores estão distantes socialmente dos demais moradores do bairro e do entorno que frequentam o parque. Tal condição resulta de uma relação entre posição no espaço social e localização no espaço físico local que evidencia a diferença deste grupo comparado com os demais. Esta parcela da população do

entorno do parque pertence a uma posição social caracterizada pela pobreza e se localiza em uma ocupação precária na borda do Jardim Europa junto à Vila Jardim (Figura 4).



Figura 5: Território onde seria implantado o Bairro Jardim Europa nos anos 2000.
Fonte: Mog, W. 2016.

Esta situação contraditória em que uma população de classe popular se localiza dentro de uma área da cidade onde o metro quadrado é um dos mais caros atualmente decorre de um processo histórico de ocupação. Quem chegou primeiro no local e se estabeleceu enquanto morador foi a população desta ocupação precária ligada à Vila Jardim quando ainda não existia o Bairro Jardim Europa, o Parque Germânia e a conseqüente valorização da área (Figura 5). Logo, a área de ocupação desta pequena parcela da população local ainda era periférica em relação ao contexto de expansão urbana de Porto Alegre. Contudo, em função do Shopping Iguatemi nas proximidades e da conseqüente infraestrutura urbana que acompanha um grande empreendimento como este o que era periferia passou a ser uma das principais centralidades da cidade ao longo do tempo.

As recentes transformações propostas pelo novo Bairro Jardim Europa destinado às classes mais abastadas acabaram resultando em um ganho de localização para os moradores desta pequena ocupação que resiste entre os prédios de classe alta do Jardim Europa e as moradias singelas da Vila Jardim. Da noite para o dia estes moradores que já residiam no local há algum tempo receberam um parque urbano com toda uma infraestrutura localizado junto das suas moradias. Contudo, este ganho espacial de localização não representou um ganho social de posição e isto se verifica em função da relação entre os diferentes espaços do parque e suas respectivas apropriações no dia-a-dia.

Verdadeiras fronteiras sociais são construídas e desconstruídas de forma intangível dentro do território do parque entre dois tipos distintos de usuários: os moradores da ocupação popular junto da Vila Jardim e os demais frequentadores do parque. Estas fronteiras surgem e desaparecem no parque durante o dia em função da apropriação dos espaços por parte destes dois públicos distintos que configuram uma relação entre um grupo fechado e isolado em si

mesmo (Nós) e os demais agrupamentos (Eles). Dentro deste panorama, o período correspondente ao final de semana é o momento em que tal relação se torna mais evidente em função da ocupação intensiva do parque pelos seus frequentadores como mostra o relato a seguir.

O PARQUE E SUAS FRONTEIRAS

Frequentar o Parque Germânia, sobretudo, nos finais de semana quando é possível vislumbrar públicos diversos é uma verdadeira experiência antropológica. Pessoas de várias partes da cidade de Porto Alegre, principalmente, da zona norte se deslocam e se apropriam dos diferentes espaços de lazer que o parque disponibiliza. Há espaços para praticar esportes, para caminhar, para correr, para brincar, para contemplar a natureza e para passar o tempo. As pessoas e os diferentes grupos se revezam entre uma atividade e outra garantindo animação e descontração para o Parque Germânia.

São crianças atirando pedaços de pão para os peixes do lago junto com seus pais, adolescentes andando de skate ou de bicicleta no eixo central do parque, jovens deitados nos gramados namorando, homens jogando futebol ou tênis nas quadras, mulheres correndo ao redor do parque, idosos sentados nos bancos apreciando silenciosamente a paisagem entre outras atividades. Entretanto, em meio à festa e aos encontros como nos diria Lefebvre (2001), há alguns ruídos que geram fronteiras sociais em função da diversidade social existente no espaço neste período da semana. Logo, o problema surge quando estes ruídos e suas conseqüentes fronteiras ganham proporções desconfortáveis produzindo barreiras sociais intransponíveis em função da distinção social entre agrupamentos antagônicos.

Entre a maioria dos frequentadores do parque nos finais de semana, os ruídos são praticamente imperceptíveis, pois apesar de existirem distâncias sociais, estas não são significativas a ponto de gerar desconforto e desconfiança entre os usuários. Contudo, há uma parcela dos frequentadores que rompe este padrão comportamental, pois a distância social neste caso é maior repercutindo no espaço apropriado. Quem frequenta o parque há algum tempo reconhece em meio às práticas sociais desenvolvidas no local os moradores da pequena ocupação precária junto da Vila Jardim.

Este grupo fechado em suas práticas particulares que o caracterizam e o diferenciam dos demais é um capítulo a parte nas dinâmicas cotidianas observadas no Parque Germânia em um final de semana ensolarado. Ao contrário dos demais agrupamentos que se “diluem” socialmente em meio à multidão que pratica o espaço, este grupo em específico se comporta de forma isolada e pontual. Logo, não é preciso caminhar muito tempo pelo parque para identificar os moradores da pequena ocupação junto à Vila Jardim em função das suas condições sociais em contraste com os demais usuários do local.

Este grupo é observado e controlado pelos demais em função de um estigma construído na relação e no tempo tornando pouco viável uma aproximação social. Os demais grupos sabem que a origem social e espacial deste agrupamento em particular é precária e, portanto, preconceituosamente associada à violência e à criminalidade. Logo, para os outros é mais seguro manter uma distância que não é espacial, mas simbólica enquanto que o grupo excluído socialmente acaba se fechando ainda mais dentro das suas próprias relações.

Tais comportamentos aparecem de forma sutil no espaço, logo é comum grande parte das pessoas não perceberem ou ignorarem as fronteiras intangíveis que são construídas diariamente ao redor deste agrupamento segregado socialmente dos demais. É rara a existência de uma ponte que

promova a troca, pois esta é mal vista. O isolamento social então acaba se configurando em função de um distanciamento motivados pelos dois lados que encontra correspondência na estrutura do espaço físico do Parque Germânia.

Ao percorrer o parque através do seu eixo central como mostra a imagem na Figura 6 é possível estabelecer um contraste entre a interface norte e a interface sul. O parque foi concebido para privilegiar os moradores abastados das torres residenciais do Jardim Europa presentes em sua maioria junto da interface norte em detrimento dos moradores da ocupação junto da Vila Jardim localizada junto da Interface sul.



Figura 6: Parque Germânia com seus diversos espaços identificados. Fonte: Mog, W. 2016.

Na interface norte, o parque se abre para o entorno caracterizado pelas altas torres residenciais. É nesta interface que se localiza a entrada principal responsável por marcar o início do eixo central através de um pórtico assim como o letreiro que identifica o parque logo a cima do lago. Aqui as áreas de gramado e de estar são mais extensas. Já no trecho do parque junto da interface sul a situação se inverte, pois a área de gramado é consideravelmente menor e a infraestrutura está resumida a duas quadras de esportes e a uma pequena pracinha para as crianças. Nesta parte esquecida do parque, as entradas são tímidas e mal demarcadas e o eixo evidente ao acessar o parque pela interface norte aqui já não existe mais demonstrando que não há preocupação em interligar uma extremidade a outra através de um caminho contínuo. A existência de um trecho de área preservada junto da interface sul é outro indicativo de que a conexão com a ocupação junto da Vila Jardim não é uma demanda que o projeto para o parque pretendia atender.

Estas sutilezas do espaço físico do parque refletem o espaço social que se serve da estrutura do espaço físico para fortalecer a estrutura de distinção social. Enquanto a interface norte é nos finais de semana o ponto de maior movimentação com diversos grupos distribuídos ao longo dos amplos gramados, o mesmo não acontece na interface sul que costumeiramente apresenta uma movimentação menor. As duas imagens a seguir revelam o contraste entre as duas regiões do parque em função da apropriação cotidiana (Figura 7). Enquanto os gramados da interface norte ao redor do lago são costumeiramente apropriados por públicos variados nos finais de semana, o

mesmo não acontece com o grande gramado entre a pracinha das crianças e as quadras de esporte na interface sul.



*Figura 7: Lago na interface norte (esquerda) e quadras na interface sul (direita).
Fonte: Mog, W. 2016.*

Na imagem da esquerda na Figura 7, o espaço está associado a diversas práticas sociais que promovem o convívio entre grupos diversos como a prática de esportes, a contemplação da paisagem e as conversas descontraídas entre as pessoas. Já na imagem da direita na Figura 7, o espaço apresenta uma ocupação rarefeita em função de práticas sociais esporádicas e restritas à pracinha das crianças e às quadras esportivas costumeiramente utilizadas pelos moradores da ocupação junto da Vila Jardim.

A forma diversa como estes diferentes espaços são apropriados em função das práticas sociais evidencia a distinção entre grupos que estão distantes socialmente apesar de próximos espacialmente. Logo, a aproximação espacial viabilizada pelo Parque Germânia entre grupos distintos não representa neste caso uma integração social, mas a revelação de um abismo social oculto até então. Apesar de o espaço público estar aberto a todos, este é estruturado para garantir uma área privilegiada junto dos moradores abastados e outra nem tanto junto dos moradores mais pobres. Logo, a estrutura do espaço físico do parque acaba reproduzindo a estrutura do espaço social reafirmando um distanciamento social marcado por fronteiras intangíveis que delimitam os diferentes espaços apropriados em função dos diferentes agrupamentos sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do processo de expansão urbana, áreas que antigamente eram periféricas e isoladas em relação ao centro original das cidades e, portanto, costumeiramente habitadas pelos pobres acabam se tornando parte de novas centralidades atualmente. Tal situação pode até representar um ganho de localização para as populações desafortunadas, mas elas não deixam de ser com isso o que elas sempre foram socialmente apesar dos benefícios espaciais. A posição na estrutura do espaço social permanece a mesma. Logo, as supostas melhorias adquiridas em função da chegada de novas infraestruturas promovidas pela construção de novas centralidades determinam uma integração aparente, pois na realidade a distinção social ainda está lá e agora mais evidente em função da proximidade espacial.

Antes da implantação do Shopping Center Iguatemi e do Bairro Jardim Europa, a pequena ocupação junto da Vila Jardim era só mais uma entre tantas ocupações precárias existentes na cidade de Porto Alegre/RS. Contudo, com as transformações urbanas ao longo do tempo e o surgimento de uma das principais centralidades da cidade, os moradores desta pequena ocupação passaram a ser notados e estigmatizados, pois a existência deles no local não combinava socialmente e espacialmente com os novos empreendimentos da área.

Tal situação é recorrente nos grandes centros urbanos em constante expansão. O mercado imobiliário em algum momento esbarra em uma população de baixa renda ou pobre já estabelecida no local onde deseja implantar novos empreendimentos habitacionais destinados às classes abastadas. A questão que se apresenta é de que forma se dá este encontro entre grupos antagonísticos? No caso analisado, esta relação entre diferentes é identificada no cotidiano do Parque Germânia a partir de fronteiras intangíveis construída no tempo e no espaço.

Apesar dos benefícios promovidos pelos novos empreendimentos na área e adquiridos pelos moradores daquela pequena ocupação junto da Vila Jardim como o Parque Germânia, os novos espaços não objetivam a integração dos antigos moradores da área com o novo entorno. Isto se torna evidente quando se analisa a estrutura de distribuição do espaço físico do parque em associação com o entorno imediato. As estratégias de implantação estão voltadas para esconder e dissimular a presença da ocupação ligada à Vila Jardim junto da interface sul do parque enquanto na interface oposta o parque se abre espacialmente para os prédios destinados às classes abastadas. Logo, os ganhos espaciais adquiridos pelos moradores antigos apresentam um limite na medida em que estes não são bem recebidos no espaço público do parque pelos moradores recentes.

Este limite é estabelecido e lembrado cotidianamente em função de fronteiras intransponíveis determinadas pela estrutura do espaço social local que encontra ressonância na estrutura do espaço físico do Parque Germânia reproduzindo e reificando a distinção. Frequentar o Parque Germânia significa entrar em contato com estas relações contraditórias em que grupos distintos, apesar de se encontrarem e se aproximarem espacialmente, permanecem distantes e isolados socialmente. Portanto, Não basta aproximar no espaço físico grupos distintos no espaço social com a intenção de promover integração social já que a barreira socialmente construída é tão intransponível quanto os limites que separam fisicamente.

REFERÊNCIAS

- ABREU FILHO, Silvio Belmonte. **Porto Alegre como Cidade Ideal**: Plano e Projetos Urbanos para Porto Alegre. 2006. 357 f. Tese (Doutorado em Arquitetura) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura (PROPAR), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2006.
- BERMAN, Marshall. **All that is solid melts into air**. New York: Penguin Books, 1988.
- BOURDIEU, Pierre. Efeitos de lugar. In: Bourdieu, Pierre (Coord.). **A miséria do mundo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993. p. 159-166.
- BOURDIEU, Pierre. **Poder simbólico**. 15ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: Artes de fazer. Petrópolis, RJ: Editora Vozes Ltda., 1994.
- FRANCO, Sergio da Costa. **Porto Alegre**: Guia histórico. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1992.
- HOGGART, Richard. **As Utilizações da Cultura**: aspectos da vida da classe trabalhadora. Lisboa: Editorial Presença, 1973.
- JACOBS, Jane. **The death and life of great american cities**. New York: Random House, 1961.
- LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro Editora, 2001.
- SENNETT, Richard. **O declínio do homem público**: As tiranias da intimidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- SMURB – Secretaria Municipal de Urbanismo. **História dos bairros de Porto Alegre**. Porto Alegre, 2000. Disponível em: <<http://www2.portoalegre.rs.gov.br/>>. Acesso em: 3 jul. 2016.
- SMURB – Secretaria Municipal de Urbanismo. **Mapa de bairros com as Regiões de Gestão do Planejamento e Macrozonas de Porto Alegre**. Porto Alegre, 2011. Disponível em: <<http://www2.portoalegre.rs.gov.br/>>. Acesso em: 7 nov. 2016.
- SMURB – Secretaria Municipal de Urbanismo. **Mapa geral - Espacialização dos limites de bairros de Porto Alegre**. Porto Alegre, 2016. Disponível em: <http://bairrosdeportoalegre.blogspot.com.br/>. Acesso em: 7 nov. 2016.
- SOUZA, Célia Ferraz; MULLER, Dóris Maria. **Porto Alegre e sua evolução urbana**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1997.